

A LITERATURA INDÍGENA E DE CORDEL DE AURITHA TABAJARA

THE INDIGENOUS LITERATURE OF CORDEL BY AURITHA TABAJARA

 Damiana Pereira de Sousa ¹ Mariane Motta Ferreirinha ² Manoel Martins de Santana Filho ²¹ Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil² Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP), São Gonçalo, RJ, Brasil

Resumo

O movimento de escritores(as) indígenas ganha fôlego a partir da década de 1990, tendo ligação étnica com diversas comunidades indígenas do Brasil que, ao se apropriarem do dispositivo da escrita, unem ação escultórica com defesa étnica, colocando como conteúdo e estilo a cosmovisão de seu povo. Nesse contexto, este trabalho objetiva apresentar vida e obra da escritora indígena cordelista Auritha Tabajara, mulher que se constitui, até o presente momento, como a única escritora indígena cordelista do país. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida com base na literatura revista acerca da temática, leitura de obras da autora estudada e de sua história oral. Os autores salientam que a literatura indígena de cordel, seus impactos nas causas indígenas, sobretudo nas pautas das mulheres indígenas, contribuindo para a desconstrução de preconceitos enraizados na sociedade brasileira, em especial, contra as mulheres indígenas.

Palavras-chave: Geografia. Literatura indígena. Literatura feminina. Cordel. Auritha Tabajara.

Resumen

El movimiento de escritores indígenas cobró impulso desde la década de 1990, al tener vínculos étnicos con diversas comunidades indígenas de Brasil que, al apropiarse de la escritura, un acto escultórico con defensa étnica, colocaron como contenido y estilo su propia cosmovisión. En este contexto, este trabajo busca presentar la vida y obra de la escritora de cordel indígena Auritha Tabajara, quien se constituyó, hasta ahora, como la única escritora de cordel indígena del país. Esta investigación cualitativa se desarrolló con base en la literatura sobre el tema, la lectura de las obras de la autora estudiada y su historia oral. Los autores concluyen que la literatura indígena de cordel, sus impactos en las causas indígenas, especialmente en las políticas de las mujeres indígenas, contribuyen a la deconstrucción de preconcepciones arraigadas en la sociedad brasileña, especialmente contra las mujeres indígenas.

Palabras Clave: Geografía. Literatura. Literatura indígena. Literatura de Cordel. Escrito por Auritha Tabajara.

Recebido em: 11/06/2024 | 31/10/2025

Correspondência para: Damiana Pereira de Sousa (damiana.ufg@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A obra de Auritha Tabajara, particularmente o livro *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), se destaca pelo seu peso de representatividade para a literatura indígena de cordel no Brasil. Isso ocorre porque a autora é, até o presente momento, a única representante indígena¹ cordelista reconhecida. Sua produção é voltada para as várias resistências que a autora representa: mulher; indígena; lésbica; cordelista; nordestina e migrante. É um corpo-território em trânsito, fazendo a diferença nessas várias frentes de lutas.

O conjunto de sua obra aborda as dificuldades, barreiras e desafios que uma mulher indígena, infelizmente, precisa enfrentar diariamente para resistir aos apagamentos históricos, ao racismo, ao sexismo, aos preconceitos e às discriminações, dentre muitos outros. O presente trabalho busca apresentar a vida e a obra dessa escritora indígena cordelista, além de divulgar a literatura indígena de cordel e seus impactos nas causas dos povos indígenas,





sobretudo nas pautas das mulheres indígenas. Além disso, pretende-se apresentar ao ambiente acadêmico o legado da escritora na literatura indígena contemporânea.

O presente trabalho está estruturado em três pontos. Inicialmente são abordadas a vida e obra da escritora, em seguida há o aprofundamento teórico sobre a literatura indígena e a de cordel. E, por fim, uma análise da obra de Auritha Tabajara. Trata-se de cordéis que demonstram a força e inteligência da escritora em transformar em versos todas as mazelas que as mulheres indígenas, nordestinas, lésbicas e migrantes se veem obrigadas a enfrentar cotidianamente. A pesquisa em tela também se insere no escopo do projeto “Geografias e Literaturas Suleadas na escola: onde estão as narrativas negras, femininas e indígenas?” desenvolvido sob a coordenação do Prof. Dr. Manoel Martins de Santana Filho (UERJ-FFP), em parceria com escolas municipais no estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa desenvolvida propõe uma abordagem qualitativa, baseando-se em análises das obras da literatura indígena, principalmente as escritas por Auritha Tabajara, e em pesquisas já desenvolvidas sobre a literatura de cordel. A literatura indígena é abordada a partir dos seguintes autores (as): Lima (2016), Graúna (2003), Tabajara (2018), Krenak (2019, 2020), entre outros. No que diz respeito à literatura de cordel, respalda-se teoricamente nas contribuições de Abreu (1999).

AURITHA TABAJARA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UMA INDÍGENA CORDELISTA

Francisca Aurilene Gomes Silva, conhecida pelo seu nome ancestral, Auritha Tabajara (Pedra de Luz, em tupi), é natural de Ipueiras (CE). É mulher indígena; cordelista; nordestina e lésbica. É a primeira cordelista indígena do Brasil. É autora do livro *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), em que utiliza o cordel e a poesia para reafirmar o protagonismo da mulher indígena na literatura, desfrutando da força da palavra para ganhar o mundo. A obra, que é considerada altamente recomendável por possuir o selo da Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil, foi adotada em várias escolas, inclusive em São Paulo.

Conforme Auritha, em entrevista concedida no âmbito da pesquisa no dia 20/04/2022, os desafios da escrita vêm desde pequena. Aos seis anos de idade ainda não sabia ler e escrever. Ela não teve oportunidade de ser alfabetizada quando era mais nova, pois o lugar em que habitava, local onde atualmente vive, é distante de centros urbanos o que dificulta o acesso à escola e a educação ocidental. Foi a primeira neta, tanto da parte paterna quanto materna, portanto, foi uma criança muito desejada. Quando ainda estava na barriga da mãe Auritha chorava, era como se dissesse: “Me escutem”. Conforme a tradição indígena Tabajara, bebês assim costumam receber um cuidado especial, pois carregam consigo uma missão.

A avó da escritora é parteira e benzedeira, sendo considerada uma grande contadora de histórias. E foi assim, a partir da sua avó, que Auritha teve conhecimento de sua própria história. Aos nove anos começou frequentar a escola e foi uma criança agitada, dava “trabalho” para as professoras a manterem-na sentada e olhando para o quadro. Isso porque queria fazer tudo rimado, em cordel, não queria fazer nada que não fosse através da arte e ninguém compreendia isso, relata a autora. Cresceu sem ter contato com os livros. Os livros didáticos eram apenas emprestados e era necessário devolver. O que, conforme a autora, a fez



refletir sobre a importância e o valor dos livros. Aos nove anos completos começou escrever textos. Esses primeiros textos surgiram da observação de momentos da rotina da família, como por exemplo, o processo de debulhar o feijão. Observava e ao mesmo tempo produzia em cordel as histórias que a avó contava. Diante disso, Auritha se apresenta dessa forma em cordel:

Sou Aurtiha Tabajara
Não venha me rotular
Neta de Francisca Gomes, a parteira do lugar
Filha da mãe natureza
Só quero ter a certeza
De viva continuar

Meu grito de resistência
O primeiro que ecoou
Na barriga de minha mãe
A aldeia balanceou

Nasci para fortalecer
Para o Brasil entender
Que a mulher tem seu valor
Raiz de quem tem sementes
Espalhadas para brotar
Nas rezas, na medicina, no toré e no meu cocar

Conhecimento ancestral
No sagrado ritual para o meu povo curar
Mulher indígena é mulher
Estuda, trabalha fora
Dedicada, inteligente, ativista, professora
Que mantém a sua postura valorizando a cultura
É premiada, é doutora

Que dia 8 de março, seja dia 9 também
Seja 11, seja 12, seja o ano novo que vem
Seja respeito às mulheres
Que seja quem tu quiseres
No espaço que te convém.

(TABAJARA, A. Poesia declamada na entrevista concedida em 20/04/2022)

A partir da leitura do cordel, é possível notar a potência da escritora como uma verdadeira narradora, que na força de sua palavra carrega o peso simbólico de sua história, ancestralidade, resistência, vivências e memória. Em um mundo onde, segundo Benjamin (1993), a experiência de narrar encontra-se em vias de extinção, Auritha se configura uma



narradora que intermedia as experiências vividas e observadas em seu meio geográfico e as transforma através da sensibilidade, em obra.

No entanto, a palavra lida não se compara à presença enunciada, vocalizada por esta mulher no momento da entrevista, palavra que ecoa e contribui para as causas de gênero, da literatura indígena e de cordel, sendo uma voz que representa demandas e tensões de todas as mulheres e não apenas das indígenas. Voz que ecoa suas vivências de luta, voz que ultrapassa a palavra, de maneira que:

A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças à voz ela é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de consumação do outro; interioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo: o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências. (ZUMTHOR, 1997, p.15)

No entanto, a força da oralidade se materializa na potência do texto, um registro poético carregado de significado, a Literatura de Cordel. Cabe ressaltar que “a evolução da Literatura de Cordel no Brasil não ocorreu de maneira harmoniosa. A oral, precursora da escrita, engatinhou penosamente em busca de forma estrutural. Os primeiros repentistas não tinham qualquer compromisso com a métrica e muito menos com o número de versos para compor as estrofes.” (SILVA, 2011, p. 19) Dessa maneira, ao longo do tempo, a Literatura de Cordel nordestina torna-se extremamente codificada, apresentando regras de métrica, rima e oração.

A poetisa Auritha Tabajara, em entrevista concedida aos autores, relatou que no início de sua criação poética, ainda criança na aldeia - inserida em um ambiente marcado pela oralidade, pelos cantos e histórias dos ancestrais – estruturava seus versos de maneira livre. Com o aprendizado da escrita na escola básica e a posterior qualificação no que tange às regras de métrica, a autora desenvolveu um caminho de lapidação de seu trabalho poético, prezando a liberdade na escrita, mas estando atenta às estruturas características da poética do cordel.

Utilizando as rimas em cordel, ela questiona o lugar que a sociedade impõe às mulheres. Ao contar como iniciou no cordel, nos explica que, à época, não se escutava a palavra cordel. O que se ouvia era “romance”, as pessoas diziam que iam declamar um romance. Dessa forma a autora expõe a força da oralidade, da transmissão mnemônica dos conhecimentos e da cantoria da vida, que virava poesia desde sua infância. Cresceu produzindo textos em ritmo de cordel, relatando histórias do povo Tabajara, a posição da mulher dentro das comunidades, a saudade da aldeia, as angústias da vida em uma grande cidade, sobretudo sendo indígena, entre vários outros temas abordados.

São produções da autora: *Magistério indígena em versos e poesia* (2007), *Toda luta, a história e a tradição de um povo* (2010) e *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018). A obra *Magistério indígena em versos e poesia* foi editada e publicada pela Secretaria de Educação do Ceará (Brasil), tornando-se leitura obrigatória para as escolas públicas do Estado, demonstrando uma vitória no que diz respeito à presença da literatura indígena e de cordel na escola. A obra *Toda luta, a história e a tradição de um povo*, teve apoio da Secretaria de Cultura de Fortaleza. Auritha está na lista de autoras que devem ser conhecidas da rede visibilidade indígena e faz parte das autoras estudadas por Heliene Rosa da Costa² para



fundamentar sua tese de doutorado sobre identidade e ancestralidade das mulheres indígenas na poética de Eliane Potiguara.

Auritha Tabajara se autoafirma ser uma mulher que busca quebrar regras, principalmente no que diz respeito à coragem necessária para insurgir frente a questões desafiadoras que requerem atitudes de certa transgressão, questionamento e insurgência. Isto se dá pois o fato de ser uma mulher indígena escrevendo literatura de cordel gera tensões internas neste universo literário, visto que durante muito tempo a produção de Cordel se configurou predominantemente masculina e apresentando um conjunto muito específico e rígido de regras para a construção dos textos (métrica, rima, etc.).

Um exemplo disso acontece quando Auritha se posiciona escrevendo e publicando livros em modalidades diferentes de cordel, pois escreve em sextilha e em setilha.³ Para a obra *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018) ser publicada, a escritora precisou lutar incansavelmente, porque, inicialmente os editores forçavam para que o livro fosse publicado em apenas em uma modalidade de escrita (sextilha ou setilha) e em um único estilo de cor. No entanto, a escritora convenceu os editores a publicarem o livro da forma como ele estava estruturado, como um experimento.

Dessa forma, o livro foi publicado em várias cores e modalidades de estrutura de versos, tornando-se um sucesso e podendo hoje ser considerado um dos títulos mais importantes da autora, o que nos impulsionou na escolha de algumas poesias desta obra para serem analisadas na parte final deste trabalho.

LITERATURA INDÍGENA E DE CORDEL: APORTES TEÓRICOS

A Literatura indígena, ou movimento literário indígena, conforme Lima (2016), ganhou fôlego na década de 1990 após a promulgação da Constituição Federal de 1988. A escritura indígena tem se configurado para muitos povos indígenas como um *lôcus* de autoafirmação étnica, de denúncia de diversos tipos de espoliações e de registro e divulgação das culturas das mais diversas etnias, ao permitir o registro de narrativas que consagram suas diferentes cosmogonias.

A escrita passa a ser utilizada pelos povos indígenas como um instrumento novo, pois a força da oralidade marcou por séculos a forma como as culturas indígenas eram transmitidas no território brasileiro. Os textos desses escritores (as) são narrativas feitas em diversos estilos e tipos, como contos, crônicas, canções, ritos e rituais, em formato de poesias, bem como relatos autobiográficos. Expressa-se tanto em obras de autoria coletiva, que surgiram em meados da década de 1980 através da educação escolar indígena, quanto em autores individuais.

Nessa conjuntura, observa-se um fenômeno que ganhou destaque no Brasil, sobretudo nas últimas duas décadas, o surgimento de escritores indígenas individuais, dos quais a maioria é formada por sujeitos que saíram das aldeias e migraram para as grandes metrópoles, ou seja, são considerados indígenas desaldeados (as), emergindo apenas na década de 1990.

Dentre esses escritores(as), destacam-se Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Kaká Werá, considerados os maiores expoentes, pioneiros do movimento. Pode-se citar também,



Auritha Tabajara, objeto da presente pesquisa, Márcia Kambeba, Ailton Krenak, Julie Dorrico, Célia Xakriabá, Graça Graúna, Geni Núñez, Olívio Jekupé, entre outros(as). Segundo levantamento bibliográfico feito por Daniel Munduruku, Aline Franca e Thúlio Dias Gomes (2019)⁴, existem até o presente momento, cerca de 60 autores(as) indígenas de 22 povos diferentes, sendo apenas 11 mulheres listadas.

As narrativas que adotam visam reafirmar a identidade, o sentimento de pertencimento e manter a memória ancestral o que enseja a manutenção das línguas, costumes, crenças, tradições e, sobretudo, das relações com a Terra. São vozes que utilizam a força da palavra escrita para desconstruir estereótipos, preconceitos e discriminações contra os povos indígenas do Brasil. As narrativas não são “mitos” ou “folclore”, são aquilo que são e fazem parte daquilo que vivem. Desse modo, a literatura de autoria indígena torna possível que a sociedade contemporânea conheça suas histórias por meio de suas próprias perspectivas, de suas próprias vozes e autorias, criando espaço para compreender a memória, o tempo e a cosmovisão dos povos originários, pois são transmitidas de forma poética e consciente, provocando reflexão sobre as estruturas impostas.

Portanto, a literatura indígena combate visões estereotipadas que foram enraizadas no imaginário nacional, inclusive, pela literatura brasileira do século XIX. Vem combatendo o processo de racialização e discriminação contra os povos indígenas que sempre foram invisibilizados, não só nas produções acadêmicas, mas também nas políticas indigenistas. Desse modo, esses autores (as) honram as vozes indígenas, as vozes da mata, da ancestralidade que lhes permite viver nesse tempo do mundo.

São os sujeitos indígenas ocupando seus lugares nas letras e no mercado editorial (DORRICO, 2022). Assim, a literatura indígena surge da autoria, do momento em que os indígenas passaram a ocupar na sociedade brasileira o ofício de escritores(as) sem precisar negar suas identidades originárias.

A Literatura de Cordel, por sua vez, recebe, desde seu nascimento, fortes marcas da oralidade, vez que se desenvolveu no Brasil, inicialmente no ambiente oral e recebeu influências dos povos que habitavam o território. De acordo com Abreu (1999, p. 73):

As apresentações orais de narrativas, poemas, charadas, disputas não são peculiares ao Nordeste brasileiro. Todos os povos as conhecem, principalmente aqueles nas quais a cultura escrita não é dominante. Índios, negros e portugueses contavam histórias e faziam jogos verbais oralmente, não sendo, portanto, de estranhar que esta prática tenha se difundido por todo o Brasil, assumindo, entretanto, formas específicas em cada região. No Nordeste tem grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios.

Ao longo do século XIX, o universo poético das cantorias começara a ganhar forma impressa, carregando resquícios da tradição oral e gerando uma estrutura textual pautada na rima, métrica e oração, estrutura esta que permite que o texto seja declamado ou cantado.

Dessa forma, o cordel se estrutura como um tipo de poesia popular com o discurso predominantemente narrativo em verso, dotado de um sistema de métrica e rima específico, composto de uma polifonia⁵, tanto no que diz respeito à diversidade de tipos de textos (poesia, romance, tragédia, teatro), nas temáticas abordadas (sátiras, fantasias, denúncias sociais, saberes históricos e geográficos) quanto na variação linguística geográfica presente. Enquanto fenômeno cultural regional, apresenta como característica marcante a impressão dos textos em



livretos simples, feitos de papel de baixo valor, o que a tornou uma literatura acessível a diferentes camadas sociais.

De acordo com o dossiê de registro e tombamento elaborado pelo IPHAN (2018, p. 8), a Literatura de Cordel representa:

“[...]forma de expressão, linguagem, gênero literário, veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cidadãos brasileiros: poetas, declamadores, editores, ilustradores (desenhistas, artistas plásticos, xilogravadores) e folheteiros (como são conhecidos os vendedores de livros de cordel)”.

Cabe ressaltar que a Literatura de Cordel, desenvolvida principalmente no que se convencionou chamar de Nordeste brasileiro⁶, recebe contribuições da Literatura de Cordel portuguesa, além de contos populares indígenas e africanos, preservando, inclusive, “termos afro-brasileiros e indígenas dentro das narrativas orais e folhetos”. (SLATER, 1984, p.19) Com passar do tempo, desenvolve-se a construção de uma poética que vai ganhando moldes próprios.

De acordo com Abreu (1999, p.73), a Literatura de Folhetos produzida no Nordeste do Brasil tornou-se, ao longo do tempo, bastante codificada. Uma poética própria, regional, foi sendo construída principalmente entre os finais do século XIX e os últimos anos da década de 1920. Cabe ressaltar que as apresentações orais de narrativas, poemas, charadas, disputas, não são exclusivas do Nordeste brasileiro. “Todos os povos a conhecem, principalmente aqueles em que a cultura escrita não é dominante. Indígenas, negros e portugueses contavam histórias e faziam jogos verbais oralmente”.

Muito embora a literatura de cordel venha sendo praticada no Brasil desde as décadas finais do século XIX, foram necessários mais de cem anos para seu tombamento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. O cordel desenvolvido no Brasil tem como região de nascimento o Nordeste, migrando pouco a pouco, através dos sujeitos que se movimentavam no espaço do interior para as principais cidades nordestinas, e, posteriormente, ganhando todo o Brasil através da diáspora territorial ocasionada pelos movimentos migratórios dos sujeitos nordestinos no espaço geográfico brasileiro. Sujeitos que não se reduzem a um dado quantitativo ou força de trabalho, mas que carregam histórias, memórias e cultura, e que, a fim de perpetuarem suas existências, desenraizam-se e levam consigo muito de seus lugares de origem.

A prática do repente, a produção e venda de folhetos, bem como todo o trabalho dos poetas cordelistas, foi, durante muito tempo, reprimida pela força policial nas cidades em que esses sujeitos se instalaram. Há relatos de apreensão de instrumentos musicais e até mesmo detenção de artistas, o que denota os preconceitos enraizados acerca desta forma de expressão popular. De acordo com o dossiê de registro do IPHAN (2018, p.7): “Muitos poetas foram presos e tinham suas violas e folhetos apreendidos; por outro lado, havia muito preconceito por parte dos intelectuais, que não reconheciam a produção poética do cordel como um gênero da literatura brasileira.”

A repressão à prática da literatura de cordel, bem como o preconceito enraizado quanto ao fato dela ser produzida por sujeitos migrantes nordestinos, são pontos-chave para compreendermos os motivos que resultam num recorte temporal de mais de cem anos para



seu tombamento. De acordo com Albuquerque Júnior (2007, p. 125), o preconceito acerca dos sujeitos nordestinos não reside apenas no âmbito da origem geográfica:

“[...]mas também está associado ao preconceito de classe, aquele dirigido contra as pessoas pobres que se ocupam com as atividades mais desqualificadas no mercado de trabalho e o preconceito racial, já que maior parte da população da região é mestiça ou negra. O nordestino também será vítima do preconceito dirigido aos menos letrados e analfabetos, já que boa parcela dos migrantes nordestinos dos anos 30, 40 e 50, possuía baixa taxa de escolaridade.”

Assim, a Literatura de Cordel carrega em si algumas resistências, por ser uma literatura não canônica, que recebe a contribuição dos povos indígenas e africanos e que vai sendo desenvolvida por sujeitos subalternizados, que sofrem preconceito quanto a sua origem geográfica como migrantes nordestinos, trabalhadores rurais etc. Esses fatores somados nos ajudam a compreender o motivo pelo qual esta literatura demorou tanto tempo para ser tombada pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial do Brasil e endossa a necessidade de luta, tanto por parte dos poetas e poetisas cordelistas quanto dos pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam a investigar e promover as literaturas populares, negras e indígenas.

RESISTÊNCIA INDÍGENA EM CORDEL: A ESCRITURA DE AURITHA TABAJARA

Com seu nome ancestral Auritha Tabajara a autora assina seus poemas, livros e cordéis. Na obra *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018) utiliza o cordel e a poesia para reafirmar o protagonismo da mulher indígena na literatura. É a história de uma princesa sem castelo e sem príncipe. É possível, a partir da obra, conhecer a trajetória da escritora e a cosmologia do povo Tabajara. Tudo narrado em formato de cordel, um gênero brasileiro marcado por figuras masculinas, mas que Auritha rompe e transgride.

O enredo se passa no nordeste brasileiro, desde o nascimento até a vida adulta da escritora. A sua literatura desconstrói estereótipos atribuídos à mulher indígena, mostrando a sua força em cada verso. Vejamos esse trecho:

Peço aqui, Mãe natureza,
Que me dê inspiração
Pra versar essa história
Com tamanha emoção
Da princesa do nordeste
Nascida lá no sertão.

Quando se fala em princesa
É de reino encantado,
Nunca, jamais, do Nordeste
Ou do Ceará, o estado
Mas mudar de opinião
Será bom aprendizado.
(Tabajara, 2018, p. 6)



Percebemos neste trecho a crítica a estereótipos vinculados aos povos indígenas em geral e ao povo nordestino, questões que permeiam a tônica da poesia. No momento em que a autora afirma que “mudar de opinião será bom aprendizado”, denuncia que há opiniões e imagens sobre esses povos carregadas de estereótipos que precisam ser observados para que, através do aprendizado, sejam transformados. Há, durante o desenhar dos versos, o tom de denúncia da autora que, com a beleza de suas palavras e com a coragem da mulher indígena, nordestina e cordelista, carrega a crítica na ponta da caneta. O trecho acima, mesmo sendo curto, transmite o recado: afinal por que as princesas nunca são do Nordeste? E nunca são indígenas? Auritha Tabajara busca rasgar estereótipos, sendo seus versos suas ferramentas de luta.

Além de apresentar sua luta pela representatividade como mulher indígena, cordelista, nordestina, a autora também elucida em sua obra um pouco da causa LGBTQIA+. O fato acontece, pois, mesmo depois de ter sido mãe e ter vivido relacionamentos heterossexuais, a escritora se reconhece como LGBTQIA+, o que influi na construção subjetiva de sua identidade, e, conseqüentemente, na construção de seus versos, visto que há certa indissociabilidade entre autor e obra. Assim, sendo a arte um objeto estético que se relaciona com a vida, possui um peso axiológico em seu interior, tendo a capacidade de expressar elementos da existência pois “a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda a plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo e outro que seja.” (BAKHTIN, 2002, p. 33)

Auritha tinha um segredo
Que não podia contar.
Somente pra sua avó
Se encorajou a falar.
Não gostava de meninos,
E não sabia lidar.
(TABAJARA, 2018, p. 14)

Nesse ponto da narrativa, identifica-se a experiência de Auritha em se descobrir homossexual, experiência esta inexistente no lugar que habitava, sua aldeia. O cordel, nesse sentido, mostra os diversos eixos interseccionais que atravessam a autora e acarretam suas relações sociais e consigo mesma. Logo, por esta perspectiva destaca-se a relevância e importância de sua obra, a riqueza de questões sociais abordadas e a forma como os cordéis as apresentam.

Desconstrói, também, a ideia de que as mulheres indígenas são frágeis, imagem recorrente no imaginário pela prevalência do olhar patriarcal, disseminado na cultura brasileira. Além disso, ressignifica a memória e a história dos povos originários.

No poema *intitulado Iracema sem chão*, observa-se que a autora rompe com os estereótipos relacionados às mulheres indígenas pela literatura brasileira canônica do século, pois anuncia:



Eu não sou como Iracema,
A de José de Alencar,
Virgem dos lábios de mel,
Sem história pra lembrar,
Trago comigo a memória,
Sou Auritha com história,
Mulher livre para amar.
(Tabajara, 2018)

Conforme versifica Auritha, a representação da mulher indígena na obra *Iracema* (1865), de José de Alencar, é prejudicial, pois romantiza uma relação de violência entre o colonizador, o homem branco, e as mulheres indígenas, vítimas da colonização. Para mais, reforça o estereótipo de que a mulher indígena não tem lealdade, não tem amor à sua identidade e nem orgulho da sua tradição. Isto é, a mulher indígena retratada na obra é a caricatura do “bom selvagem”, aquela que está pronta para amar e até mesmo morrer pelo homem branco. Em contrapartida, no poema *Iracema sem chão*, observa-se a celebração da ancestralidade, da memória, da identidade e do orgulho do pertencimento étnico, pois, ao contrário da Iracema de José de Alencar, a mulher Tabajara não abandona a sua aldeia, a sua origem, o seu lugar no mundo, independente das dificuldades, ameaças, assassinatos, racismo e discriminação.

A escritura de Auritha Tabajara também revela o desconhecimento do branco sobre o sentimento de pertencimento étnico, pois no país inventado como Brasil, prevalece ideia de que “índio que é índio vive na floresta”. Ou seja, não é porque o indígena saiu da aldeia que deixou de ser indígena. Coração na aldeia, pés no mundo: eis um *slogan* de suas lutas. É uma luta constante contra a opressão diária e contra a negação das pluralidades indígenas, como observa-se na obra quando a autora apresenta situações de violência, exploração e desvalorização do corpo-território das mulheres indígenas nas grandes cidades.

Assim, a obra *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), tem como enfoque o combate a equívocos e visões deturpadas acerca das mulheres indígenas na história e conta, mesmo que de forma breve, a história auto ficcional de Auritha Tabajara, suas vivências e experiências nas várias regiões do Brasil. Além disso, ressalta a importância de as mulheres indígenas ocuparem seus espaços na sociedade brasileira, ter voz e visibilidade. Auritha representa um marco na literatura indígena contemporânea, pois retrata a literatura indígena de cordel, abrindo espaços para parentas indígenas iniciarem na escrita e utilizarem a força das letras na luta por seus direitos ancestrais à vida em sua plenitude.

A produção literária da escritora indígena cordelista Auritha Tabajara se encaixa no conjunto de produções contemporâneas que visam reivindicar as condições de humanidade dos povos originários, considerando reflexões sobre gênero, raça, etnia e sexualidade. Produções, segundo Mignolo (2007), que estabelecem uma verdadeira desobediência epistêmica. Ou seja, repensa o processo de produção e transmissão de conhecimentos nos países colonizados.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões deste trabalho, ainda que preliminares, indicam que a literatura indígena de cordel brasileira, representada pela escritora, poeta e contadora de histórias Auritha Tabajara, carrega o tom de denúncia, mostrando o preconceito, a discriminação e a violência contra as mulheres indígenas, lésbicas, nordestinas e migrantes, enfatizando reflexões acerca das questões de gênero, etnia, raça e classe.

Ao abordar os processos identitários presentes na obra de Auritha Tabajara, atenta-se para os conceitos de desterritorialização e reterritorialização. Segundo Haesbaert (2004), a desterritorialização refere-se à desconstrução das relações estabelecidas com o território. Esse processo, pode ocorrer por vários fatores, tais como: migrações forçadas, globalização ou desastres naturais, enquanto que a reterritorialização refere-se ao processo de reconstrução de novos vínculos territoriais, simbólicos ou até mesmo materiais. Haesbaert destaca que a reterritorialização é como se fosse o outro lado da desterritorialização, pois é a busca por novos territórios com significados. Sendo assim, pensando uma geografia da vida de Auritha Tabajara, notamos a ocorrência da desterritorialização, visto que a escritora se desloca da aldeia e circula por espaços urbanos e culturais. Além disso, há também a reterritorialização, pois ela transforma a escrita e o cordel em novos territórios da memória e da identidade indígena. Desta maneira, quando a autora migra do Ceará para São Paulo, leva consigo sua cultura, memória e crenças. O contato com os cordéis evidencia sua construção identitária, mesclada às tradições orais e à apropriação da escrita. Em seu conteúdo, aborda e denuncia o processo de objetivação do corpo-território sagrado das mulheres indígenas, herança do projeto colonizador.

O livro *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018) pode ser entendido em três momentos marcantes da trajetória da poetisa. Primeiro, descreve a questão identitária como mulher indígena; em seguida apresenta sua jornada nas grandes cidades, e, por fim, expõe a luta contra a violência e o entendimento como mulher lésbica. É uma obra que contribui com o letramento étnico-racial, com o debate sobre questões de gênero e no combate aos diversos tipos de preconceitos e discriminações enraizados na sociedade não indígena.

A pesquisa da temática e a abordagem da condição autoral dos povos originários, das vozes negras e especialmente femininas carregam uma contribuição para que a academia tenha mais atenção de maneira que essas formas de ser e existir na sociedade brasileira sejam enunciadas por suas próprias vozes e palavras. Entre os desdobramentos desse movimento está o fato de que essa literatura e esse conjunto de sujeitos autores, seja cada vez mais reconhecido ocupando lugares nos espaços da academia, não somente como objeto de estudos, mas como enunciadore de suas vidas, de seus destinos e interlocutores, qualificados sobre a diversidade da população. Reforçamos a importância de os autores e autoras indígenas e de literaturas populares tenham suas obras estudadas pelo meio acadêmico e ganhem espaço e presença em congressos e eventos nas universidades e centros de pesquisa.

Um outro desdobramento, ainda tímido e desafiador, consiste na necessidade de que esta literatura ganhe visibilidade na Academia e na educação escolar. A partir do marco das leis 10.639/03 que tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira nas escolas e da Lei 11.645/08 que incluiu a temática da história e cultura indígena, a inserção dessas temáticas nos currículos oficiais das redes de ensino se tornou uma obrigatoriedade. Essa obrigatoriedade não se entende a um campo disciplinar específico, todas as disciplinas



escolares devem buscaram desenvolver o diálogo com essa bagagem da História e memória cultural e social do Brasil.

Como professores do campo da Geografia, entendemos que é fundamental que as narrativas suleadas, marcadas pelas vozes indígenas, negras, femininas tenham tanto espaço quanto a literatura canônica, possibilitando que crianças e jovens reconheçam as múltiplas origens, a diversidade das sabedorias ancestrais que marcam o pensamento vivo da população brasileira em suas múltiplas ancestralidades. No entanto, a questão não é tão simples, este trabalho inspira nas experiências dos autores a necessidade da realização de um duplo movimento: problematizar e disseminar tais inquietações juntos a licenciandos e professores em seus processos formativos; apresentar na educação geográfica escolar a riqueza e potencialidade dessa produção de reconhecimento, empatia, representatividade para estudantes da educação básica.

É certo que tanto o ambiente acadêmico quanto o ambiente artístico e cultural são pautados por relações de poder e dominação sendo objeto de disputas pelas quais projetam-se visões de mundo, ideologias, modos de vida, que podem ou não corroborar com padrões dominantes e hegemônicos. Em grande parte, essas temáticas acabam sendo atravessadas por preconceito racial, de classe e xenofobia e o desenvolvimento do estudo e publicação de textos que versem sobre essas temáticas tem caráter insurgente.

O conhecimento e disseminação destes autores e suas obras literárias é um primeiro passo para que toda a sua potência seja utilizada em sala de aula - tanto no âmbito da educação básica quanto no âmbito da universidade - e este trabalho visa publicizar ainda mais a obra desta autora para o conhecimento da comunidade acadêmica de professores fomentando a disseminação de discussões à respeito das literaturas negras, indígenas, femininas e populares no âmbito da academia e dos cursos de licenciatura, em especial nas licenciaturas em Geografia.

Pensando não somente no cumprimento da legislação mas perseguindo o ensino de uma Geografia que de fato tenha sentido para os estudantes da Educação Básica, acreditamos que o uso das literaturas suleadas na escola seja uma forma de enaltecer as vozes que foram silenciadas ao longo do processo histórico que constituiu o que chamamos de Brasil. Além disso, temos na Literatura de Cordel da Auritha Tabajara a força de uma narradora que constrói sua obra com um sentido visceral, que recorre às suas geografias vividas, percepções existenciais e de lugar e às articula com a arte.

Entendendo que o principal papel que a Geografia busca desempenhar, e que é constantemente perseguido na prática docente, diz respeito à mobilização de saberes para a vida, a produção do pensamento geográfico nos estudantes - a chamada educação geográfica. De acordo com Santana Filho, (2010) uma educação geográfica relevante é aquela capaz de proporcionar a capacidade dos estudantes analisarem, inferirem e generalizarem além do acervo de informações e curiosidades, transpondo explicações superficiais e gerando uma análise em diferentes escalas e sujeitos produtores do espaço geográfico contemporâneo.

Sendo assim, acreditamos que a Literatura de Cordel de Auritha Tabajara pode contribuir como mediadora do processo de construção da educação geográfica nas escolas. O uso da literatura nas aulas de geografia pode trazer inúmeras contribuições e ganhos de aprendizagem de ordem geográfica, pedagógica e criativo-afetiva (FERREIRINHA, 2021),



mas em especial o uso das literaturas suleadas (indígenas, negras, femininas e populares) vão além, conseguem problematizar a realidade social do racismo e dos povos indígenas, promovendo contribuições que dizem respeito a construção crítica e política do pensamento, além da compreensão a respeito da questão indígena na produção do espaço geográfico brasileiro.

Por fim, a presença de mulheres na produção literária indígena e especialmente no cordel vem trazendo transformações importantes no imaginário social e nas representações dos povos indígenas na atualidade. Isto se deve, sobretudo, à força feminina de autoras como Auritha Tabajara. Autoras que, no trânsito entre aldeia e cidade, oralidade e escrita, línguas ancestrais e o idioma oficial, vivenciam e escrevem, reivindicando seu direito à identidade e à ancestralidade.

AGRADECIMENTOS

À poeta cordelista Auritha Tabajara que em nosso primeiro contato expressou a dificuldade de valorização do seu trabalho sobretudo no meio acadêmico e nos concedeu essa entrevista como um gesto de esperança futura de levar a discussão da Literatura indígena e de Cordel para o âmbito da Academia. Nosso profundo agradecimento a esta artista indígena brasileira por confiar em nosso trabalho e partilhar conosco parte de sua trajetória de vida e obra. Aos Programas de Pós Graduação em Geografia das Universidades do Estado do Rio de Janeiro (PPGGEO/ UERJ-FFP) e Universidade Federal de Goiás (PPGeo/IESA/UFG). À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Ao projeto de pesquisa “Geografias e Literaturas Suleadas na escola: onde estão as narrativas negras, femininas e indígenas?” (UERJ-FFP), que tem fomentado o debate sobre a Geografia e a Literatura no ambiente escolar, debates que impulsionaram a realização deste trabalho.

NOTAS

- 1- A escolha dos autores (as) pelo termo indígena ocorre devido ao movimento de escritores e escritoras indígenas visarem com suas obras a desconstrução dos estereótipos atrelados ao termo “índio” na história do Brasil. Como referência teórica utiliza-se de um dos maiores expoentes da literatura indígena: Daniel Munduruku. Em *Memórias de índio: uma quase autobiografia* (2016) o autor aponta que o termo “índio” diz respeito a estereótipos, tais como: “selvagem”, “preguiçoso”, “atrasado”, “bom selvagem”, entre outros. O autor defende o uso de nomes próprios dos povos, por exemplo: Daniel é Munduruku, o Ailton é Krenak, a Eliane é Potiguara, em vez de “índio”. Além disso, o autor reitera que o respeito começa pela linguagem porque as palavras modelam a forma como a sociedade enxerga os povos originários. Desse modo, a literatura indígena resgata o direito de nomear-se, ser indígena é ser pertencente, é ter memória e raiz.
- 2- Professora da Rede Municipal de Uberlândia e pesquisadora do protagonismo feminino na literatura brasileira. Foca na força das mulheres indígenas em romper com estereótipos a partir da literatura brasileira contemporânea.
- 3- De acordo com o Dossiê de registro do Cordel (IPHAN, 2018), a sextilha é definida como estrofe de seis versos e sete sílabas e se tornou a mais utilizada pelos poetas da literatura



de cordel até os dias de hoje. A forma mais comum de sextilha é aquela em que os versos pares rimam entre si e os versos ímpares são livres. A setilha, por sua vez, é uma modalidade da literatura de cordel em que as estrofes são formadas de sete versos de sete sílabas, ou seja, foi acrescentado um verso a mais na tradicional sextilha.

- 4- Bibliografia das Publicações Indígenas do Brasil disponível na plataforma Wikilivros. Disponível para acesso em: <https://www.livrariamaraca.com.br/bibliografia-das-publicacoes-indigenas-do-brasil/> https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publica%C3%A7%C3%B5es_ind%C3%ADgenas_do_Brasil
- 5- O conceito de polifonia é de suma importância na teoria literária e foi trabalhado por Mikhail Bakhtin na obra Problemas da poética de Dostoiévski (BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.). Diz respeito à multiplicidade de vozes e consciência autônomas que coexistem em uma obra literária.
- 6- Note-se que no período de nascimento e consolidação da poética da literatura de cordel/folhetos – final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX, a Região Nordeste como conhecemos hoje geograficamente ainda não havia sido consolidada. O recorte regional tal como conhecemos se consolida oficialmente em 1941, com a primeira divisão regional oficial do país feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com Albuquerque Jr. (2009, p. 343), o Nordeste é uma invenção recente da história brasileira, “não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentidos.”

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos um estudo histórico-comparativo*. 1993. 2v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- ALBUQUERQUE, Júnior, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: A teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre a literatura e a história da cultura*. Obras escolhidas. Vol.1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- DORRICO, Julie. A fortuna crítica (da exclusão): Makunaimê na literatura indígena contemporânea. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. São Paulo. Sesc, 2022.
- FERREIRINHA, Mariane Motta. A Literatura de Cordel: uma poética ancorada no geográfico. *Contribuições para a Educação Geográfica*, 2021. 172f. (Mestrado em Geografia) Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.
- GRAÚNA, Maria das Graças Ferreira. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- IPHAN. Ministério da cultura. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP: Dossiê de registro. Brasília, DF: IPHAN, 2018.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.



LIMA, Sélvia. C. Escritores Indígenas e Produção Literária no Brasil: Sujeitos em movimento. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2016.

MIGNOLO, Walter D. Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. Memórias de índio: uma quase autobiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTANA FILHO, Manoel Martins de. A educação geográfica escolar: conteúdos e referências docentes. Tese de Doutorado. FFLCH, USP. São Paulo, 2010.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. Vertentes e evolução da literatura de cordel. 5 ed. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

SLATER, Candace. A vida no Barbante: A literatura de cordel no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

TABAJARA, Auritha. Magistério indígena em versos e poesia. Seduc/Ceará. 2007.

TABAJARA, Auritha. Toda luta, tradição e a história de um povo. [S.n]: Fortaleza, 2010.

TABAJARA, Auritha. Coração na aldeia, pés no mundo. São Paulo: Uk'a editorial, 2018.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à Poesia Oral. São Paulo: HUCITEC, 1997.